



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

ALEX THYERRY BATISTA DE SOUZA

**O AUMENTO DA VIOLÊNCIA E OS EFEITOS NA SAÚDE MENTAL DA
POPULAÇÃO TRANSEXUAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

**Palmas, TO
2024**

ALEX THYERRY BATISTA DE SOUZA

**O AUMENTO DA VIOLÊNCIA E OS EFEITOS NA SAÚDE MENTAL DA
POPULAÇÃO TRANSEXUAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Palmas para obtenção do título de bacharel em Enfermagem e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador (a): Me. Domingos Oliveira
Coorientadora: Dra. Thayza Miranda Pereira

**Palmas, TO
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S729a Souza, Alex Thyerry Batista de.

O Aumento da Violência e os Efeitos na Saúde Mental da População Transsexual: Uma Revisão Integrativa. / Alex Thyerry Batista de Souza. – Palmas, TO, 2024.

28 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Enfermagem, 2024.

Orientador: Domingos Oliveira

Coorientadora : Thayza Miranda Pereira

1. Pessoas Transgênero. 2. Saúde Mental. 3. Transfobia. 4. Bem-estar. I. Título

CDD 610.73

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALEX THYERRY BATISTA DE SOUZA

**O AUMENTO DA VIOLÊNCIA E OS EFEITOS NA SAÚDE MENTAL DA
POPULAÇÃO TRANSEXUAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Palmas para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Orientador (a): Me. Domingos Oliveira
Coorientadora: Dra. Thayza Miranda Pereira

Data de Aprovação 06/11/2024

Banca examinadora:

Prof. Me. Domingos de Oliveira - UFT

Prof. Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma - UFT

Prof. Me. Ismael Barreto Neves Junior - UFT

*Dedico este trabalho a minha Avó,
Aureni, a qual foi e continua sendo meu
maior alicerce.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, dedico minha gratidão à força maior que guia e equilibra o universo. Durante toda esta trajetória, essa energia me manteve focado, protegido e fortalecido, iluminando cada passo dessa caminhada terrena.

Agradeço profundamente ao meu orientador, professor Domingos, por sua sabedoria, paciência e inspiração. Suas aulas das manhãs de sexta-feira, cheias de histórias envolventes, foram uma fonte constante de aprendizado e leveza. Sua confiança e orientação foram essências para a concretização deste trabalho. Minha coorientadora, professora Thayza Miranda Pereira, agradeço por sua dedicação em meio a tantos compromissos. Sua presença firme foi essencial para que eu enfrentasse os desafios do TCC, e seus gestos acolhedores trouxeram alívio e encorajamento em momentos difíceis. Também estendo minha gratidão à banca examinadora, composta pelo Prof. Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma e pelo Prof. Me. Ismael Barreto Neves Junior, cuja contribuição tornou este sonho possível.

Aos amigos e colegas que dividiram comigo esta caminhada, minha eterna gratidão. Kallynne, Allana, Willian, Vinnicius Dias, Maria Alice, Fredson, Victor Manoel, vocês foram mais do que companhia; foram minha força ao longo do caminho. Cada conversa, sorriso e momento compartilhado trouxe leveza ao processo e me deu coragem para continuar.

Aos meus avós, Aurení e Ademi, dedico toda esta conquista. Vocês tornaram tudo isso viável com seus sacrifícios e amor incondicional. São, sem dúvida, os pilares da minha jornada, e cada passo dado é reflexo de tudo o que fizeram por mim. Nunca conseguirei retribuir à altura o tamanho da dedicação e afeto que recebi de vocês.

Estendo também minha gratidão à minha família, especialmente à minha tia Zena, que, mesmo de maneira indireta, foi um suporte essencial para que esta realização fosse possível, a minha mãe que mesmo de longe torcia por minhas conquistas, a meus irmãos que tenho grande admiração.

Ao meu namorado, Glauco, agradeço por ser meu namorado neste percurso. Suas palavras motivadoras, risadas e apoio constante fizeram toda a diferença, tornando o caminho menos árduo e mais significativo.

E, por último, expresso minha profunda gratidão à Universidade Federal do Tocantins, que se tornou meu lar durante os últimos anos. Foi nesse espaço que vivenciei momentos transformadores e que fui acolhido de forma tão calorosa e respeitosa. Essa instituição não apenas me proporcionou uma formação acadêmica sólida, mas também abriu portas para experiências que enriqueceram minha trajetória pessoal e profissional.

Agradeço também ao Centro Acadêmico de Enfermagem, que foi uma plataforma para aprendizado, troca de ideias e convivência. Foi por meio dele que tive a oportunidade de conhecer pessoas extraordinárias, cuja convivência marcou profundamente minha jornada universitária. Cada interação e experiência compartilhada contribuíram para minha evolução, deixando memórias que levarei comigo para sempre.

RESUMO

O estudo aborda os impactos da violência na saúde mental da população trans, com enfoque na comunidade transexual e travesti. Trata-se de uma revisão integrativa, fundamentada em dados secundários, conforme Resolução Nº 510/16 do Conselho Nacional de Pesquisa. As bases de dados consultadas incluíram BVS, SCIELO e PubMed, com descritores em português, inglês e espanhol, utilizando operadores booleanos para combinar termos. A triagem dos artigos foi realizada com o auxílio do software Rayyan e do Microsoft Word, empregando critérios claros de inclusão e exclusão, além do fluxograma PRISMA para organização sistemática. Os resultados apontaram que pessoas trans enfrentam maior vulnerabilidade a transtornos mentais, como depressão, ansiedade e TEPT, em decorrência da transfobia estrutural e de normas cisheteronormativas. A violência ocorre tanto em espaços públicos quanto institucionais, como escolas, famílias e serviços de saúde. A ineficiência de políticas públicas de saúde e segurança agrava a exclusão e perpetua desigualdades. Embora avanços como a Política Nacional de Saúde LGBT sejam reconhecidos, ainda há lacunas significativas na capacitação de profissionais e na proteção contra transfobia, destacando a necessidade de medidas estruturais para promover a saúde mental e o bem-estar dessa população.

Palavras-chave: Pessoas Transgênero. Saúde Mental. Transfobia. Bem-estar.

ABSTRACT

The study addresses the impacts of violence on the mental health of the trans population, with a focus on the transsexual and transvestite community. This is an integrative review, based on secondary data, in accordance with Resolution No. 510/16 of the National Research Council. The databases consulted included BVS, SCIELO and PubMed, with descriptors in Portuguese, English and Spanish, using Boolean operators to combine terms. The articles were screened with the help of Rayyan software and Microsoft Word, using clear inclusion and exclusion criteria, in addition to the PRISMA flowchart for systematic organization. The results indicated that trans people face greater vulnerability to mental disorders, such as depression, anxiety and PTSD, due to structural transphobia and cisheteronormative norms. Violence occurs in both public and institutional spaces, such as schools, families and health services. The inefficiency of public health and safety policies aggravates exclusion and perpetuates inequalities. Although advances such as the National LGBT Health Policy are recognized, there are still significant gaps in the training of professionals and in protection against transphobia, highlighting the need for structural measures to promote the mental health and well-being of this population.

Keywords: Transgender Persons. Mental Health. Transphobia. well-being.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1. Fluxograma do Prisma para a triagem dos artigos selecionados para o estudo.....	17
---	----

LISTA DE TABELAS

Quadro 1. Autor, título, tipo de estudo e principais resultados.....	18
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan, Não-binárias e mais
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais
ADO	Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-traumático
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivo Geral	15
2.2 Objetivo Especifico.....	15
3 METODOLOGIA	15
4 RESULTADOS E ANÁLISE	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Carvalho; Barreto (2019) defender que, ao considerarmos sexualidades dissidentes, ou seja, aquelas que divergem da norma heterossexual, podemos observar uma ampla gama de comportamentos sexuais que não correspondem ao padrão socialmente estabelecido. Em decorrência disso, indivíduos que expressam tais identidades, particularmente aqueles pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pan, Não-binárias e mais), têm sido sistematicamente invisibilizados devido à discriminação estrutural que enfrentam, sofrendo diversos tipos de violências.

A violência representa uma violação dos direitos humanos e é reconhecida como uma grave questão no âmbito da saúde pública. Ela se manifesta como uma forma de interação e comunicação, surgindo em contextos de discriminação, intimidação, abuso de poder, raiva ou vingança, resultando em danos físicos e psicológicos. Dependendo de quem comete o ato, a violência pode ser classificada como autoprovocada, interpessoal ou coletiva. A violência autoprovocada inclui atos como automutilação, pensamentos suicidas e outras formas de agressão voltadas contra si mesmo (Melo *et al.*, 2024).

Destaca-se também como os diferentes tipos de violência podem afetar de maneira prejudicial à saúde mental das pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, com especial ênfase nas pessoas transexuais e travestis. Ademais, a normalização da violência, juntamente com a complacência da diante desses atos, contribui para a manutenção e expansão de uma forma de violência menos visível que as agressões físicas. Essa violência “sutil”, muitas vezes invisível, pode ter impactos profundos, resultando em sérias complicações a saúde mental para suas vítimas e, em muitos casos, levando-as ao suicídio. (Albuquerque *et al.*, 2016).

Paralelamente este trabalho tem como um dos objetivos analisar na literatura como o bem-estar psíquico das pessoas transexuais e travestis é afetado com o aumento dos casos das violências, considerando-se transexuais e travestis as pessoas que se autodeterminam dessa forma, por compreenderem que não há correspondência entre seu sexo biológico, imposto socialmente, e sua identidade de gênero. Essa definição independe de intervenções como cirurgia de afirmação de gênero, terapia hormonal ou a retificação de prenome no registro civil. No estudo em questão, participaram homens trans (pessoas designadas mulheres ao nascer, mas que se reconhecem com o gênero masculino), mulheres trans (pessoas designadas homens ao nascer, mas que se reconhecem com o gênero feminino) e travestis (uma categoria político-cultural latino-americana que compreende pessoas designadas homens ao nascer, que assumem

papéis femininos na vida adulta, mas não se reconhecem como homens ou mulheres, identificando-se como um terceiro gênero). Esses grupos foram abordados de forma ampla sob o termo "pessoas trans" (Silva *et al.*, 2023).

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) aponta que em 2023 registou-se um aumento superior a 10% nos assassinatos de pessoas que se reconhecem trans em comparação a 2022 (Antra 2023). Esse dado ganha ainda mais destaque considerando que o Brasil permanece, pelo 15º ano consecutivo, como o país que apresenta o maior número de assassinatos de pessoas trans, ao mesmo tempo em que lidera o consumo de pornografia trans em plataformas de conteúdo adulto. Por outro lado, a subnotificação das agressões sofridas pela comunidade LGBTQIA+ também continua inalterada.

Entre as mortes em 2023, foram 155 casos, sendo 145 casos de assassinatos e 10 pessoas trans suicidaram-se. A mais jovem trans assassinada tinha 13 anos, e vimos a persistência de uma patrulha contra crianças e adolescentes trans. Destacou-se também que a manutenção da violência parte de um projeto político de modo que a extrema direita assumiu o protagonismo preocupante da pauta das pessoas trans. E pudemos ainda observar os impactos da polícia de gênero para mulheres cisgêneras, em casos em que foram tratadas como geralmente a sociedade trata pessoas trans (Antra, 2023, pag. 06).

A ausência de registro adequado permanece como um sinal da homotransfobia e das agressões dirigidas a comunidade LGBTQIAPN+, envolvendo violências intencionais, homicídios e estupro. Trata-se de uma violência silenciosa, que deixa as vítimas desamparadas legalmente, facilitando a impunidade e escancara a omissão do Estado brasileiro.

Acrescente-se que a homotransfobia foi reconhecida pelo Judiciário antes mesmo de ser tratada pelo Legislativo, devido ao descaso inconstitucional do Congresso Nacional sobre o assunto. Em 2019, o supremo tribunal federal, decidiu nos julgamentos da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26 e do Mandado de Injunção (MI) 4.733 que era necessário proteger os direitos fundamentais da população LGBTQIAPN+. Com isso, embora não haja uma lei específica sobre o tema, homofobia e transfobia, reais ou presumidas, deveriam ser enquadradas criminalmente pela Lei de Racismo (Lei 7.716/89). Uma grande vitória a toda comunidade LGBTQIAPN+ (Anuário Brasileiro De Segura Pública, 2024).

Desde 2019, o Atlas da Violência tem destacado o tema da violência sofridas pela população LGBTQIAPN+ no Brasil, evidenciando seu crescimento ao longo dos anos. Em 2022, por exemplo, foram registrados 8.028 casos de violência sofrida contra a comunidade LGBTQIAPN+, representando um crescimento de 39,4% em comparação ao período do ano precedente. Já no que diz respeito a expressão de gênero, incluindo travestis e transexuais,

foram registradas 4.170 vítimas de violência em 2022, representando um acréscimo de 34,4% em comparação a 2021, quando o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) contabilizou 3.103 casos envolvendo essa população. As análises baseiam-se nas notificações de violência interpessoal registradas no sistema de informação de agravos de notificação instituto de pesquisa econômica aplicada (INEP) de 2024 (Cerqueira e Bueno, 2024).

Nogueira e Aragão (2019), defende que apesar de a criação da Política Nacional de Saúde LGBT representar um importante avanço no acesso à saúde a comunidade LGBTQIAPN+, ainda persistem desafios significativos ao acesso integral por essas pessoas. Entre eles, destacam-se a vulnerabilidade social e o preconceito enfrentado por esse grupo nos atendimentos de saúde, as dificuldades de acesso aos cuidados necessários e o limitado conhecimento sobre a política, tanto por parte dos profissionais de saúde quanto pelos próprios usuários.

Esses dados servem como um alerta preocupante para toda sociedade sobre o agravamento da violência direcionada às pessoas LGBTQIAPN+ em um país marcado por uma trajetória histórica conservadora, machista e LGBTfóbica.

Neste sentido, realizou-se uma revisão integrativa com o propósito de responder à questão principal: Quais são os efeitos do aumento da violência na saúde mental da população transexual e travestis.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Descrever os efeitos na saúde mental da população transexual relacionado ao aumento das violências.

2.2 Objetivo Especifico

- Identificar e descrever os tipos de violência mais frequente relatados pela população transexual e travesti.
- Explorar os principais efeitos psicológicos e emocionais da violência sobre a saúde mental dessa população.
- Discutir os fatores sociais, culturais e estruturantes que contribuem para a vulnerabilidade da população transsexual à violência.

3 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão integrativa da literatura. A pesquisa bibliográfica é uma das melhores formas de iniciar um estudo, buscando semelhanças e diferenças entre os artigos levantados nos documentos de referência (Bocato, 2006).

Devido à natureza intrínseca deste estudo, fundamentado em dados secundários, não se faz necessária a submissão ao comitê de ética, conforme estabelecido pela Resolução Nº 510/16 do Conselho Nacional de Pesquisa, que regula a condução de pesquisas com essa abordagem metodológica (Brasil, 2016).

A formulação da pergunta que orientou a pesquisa foi baseada na aplicação da estratégia PICO (P: Pacientes/População, I: Intervenção, C: Comparação, o: Outcome/Desfecho) adaptada. A adaptação deste método para analisar como a violência interfere na saúde mental das indivíduos travestis e transexuais. P (População): População transexual; I (Intervenção/Exposição): Aumento da violência; C (Comparação): (não se aplica diretamente, já que é uma revisão integrativa sem grupo controle), O (Desfecho): Efeitos na saúde mental, como prevalência de transtornos mentais (depressão, ansiedade, etc).

Para a realização desta pesquisa de revisão foi utilizado as seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) uma vez que a respectiva base de dados é composta por MEDLINE, BDNF, Latino Americana de informação bibliográfica em ciências da saúde (LILACS), além de outras bases de dados como Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e GOOGLE ACADÊMICO. Foram selecionadas publicações com os seguintes critérios de inclusão: publicações em português, espanhol e inglês, texto completos gratuitos, artigos publicados nos últimos 5 anos, utilizando os operadores booleanos “AND” e “OR” para combinar descritores definidos previamente “Pessoas Transgênero” or “Transgender Persons”, “Saúde Mental” or “Mental Health”, “Transfobia” or “Transphobia”, que foram ser verificados pelo DeCS (Descritores em Ciência da Saúde) e pelo MeSH (Medical Subject Headings) nas diferentes fontes de informações. A pesquisa foi estruturada a partir da coleta de dados secundários e da revisão de literatura, com o objetivo de avaliar a adequação e a relevância dos artigos selecionados para o projeto. Para organizar as evidências que sustentassem a análise final e a exploração do material, utilizou-se o Microsoft Word© (versão 16.0, 2016) e o Rayyan que é um aplicativo da Web (gratuito) desenvolvido pelo QCRI (Qatar Computing Research Institute) que auxilia os autores de revisão sistemática a realizar seu trabalho de forma rápida, fácil e agradável. Esse software permitiu o desenvolvimento de tabelas que facilitaram a visualização das informações, categorizando os dados com base no ano de publicação, resultados obtidos e conclusões dos estudos analisados.

O Rayyan é uma plataforma online projetada para apoiar pesquisadores na realização de revisões sistemáticas, revisões integrativas e outros formatos de síntese de literatura. A ferramenta otimiza a triagem e a organização de artigos, com foco na etapa de seleção e avaliação de referências obtidas em bases de dados (Ouzzani, 2016).

Foram excluídos da revisão os estudos que não atendiam ao objetivo do trabalho, bem como publicações duplicadas identificadas por meio do sistema Rayyan e aquelas fora do período dos últimos cinco anos, compreendido entre 2019 e 2024.

Após as pesquisas nos bancos de dados foi realizado a importação de referências para o Rayyan por meio da criação de “nova revisão” dentro no aplicativo, foi realizado o upload dos arquivos pesquisados nas bases de dados por meio dos formatos RIS, CSV and PubMed XML). No processo de triagem de artigos, foram realizados a revisão dos títulos e resumos dos artigos, decidindo se eles são incluídos, excluídos ou colocados como talvez. Os critérios de inclusão e exclusão foram utilizados para guiar a triagem. Após a triagem, os dados foram exportados para o Microsoft Word© (versão 16.0, 2016) para análise final mais aprofundada.

Para alinhar as pesquisas identificadas por meio dos critérios de elegibilidade estabelecidos, foi adotado um processo sistemático de seleção, garantindo que apenas os materiais relevantes e em conformidade com os parâmetros definidos fossem incluídos na análise, foi utilizado o fluxograma Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta Analyses – PRISMA, em livre tradução: Itens de relatórios preferenciais para revisões sistemáticas e meta-análises (Moher *et al.*, 2009).

Durante a fase de coleta de dados, foram adotadas medidas para evitar o viés de aferição. Nesse contexto, os estudos foram selecionados pelo autor e pelo orientador, os quais analisaram as publicações em um processo duplo-cego. A avaliação abrangeu a leitura integral de cada estudo selecionado publicados entre 2019 e 2024, considerando aqueles que trataram especificamente do objeto desta revisão integrativa e atenderem aos critérios de inclusão estabelecidos. Após a análise, os estudos foram classificados nas seguintes categorias: "inclusão", "exclusão" ou "talvez".

A organização de informações em plataformas eletrônicas tem se consolidado como um avanço significativo para a comunidade acadêmica e científica, ao facilitar o acesso democrático ao conhecimento e promover a constante atualização de conteúdos. Esse progresso tecnológico tem otimizado o compartilhamento e a consulta de informações, tornando esses processos mais eficientes e amplamente acessíveis.

Para Mendes; Silva; Galvão (2008), a revisão de literatura, essencial nesse contexto, desempenha um papel fundamental ao consolidar o conhecimento existente sobre um tema,

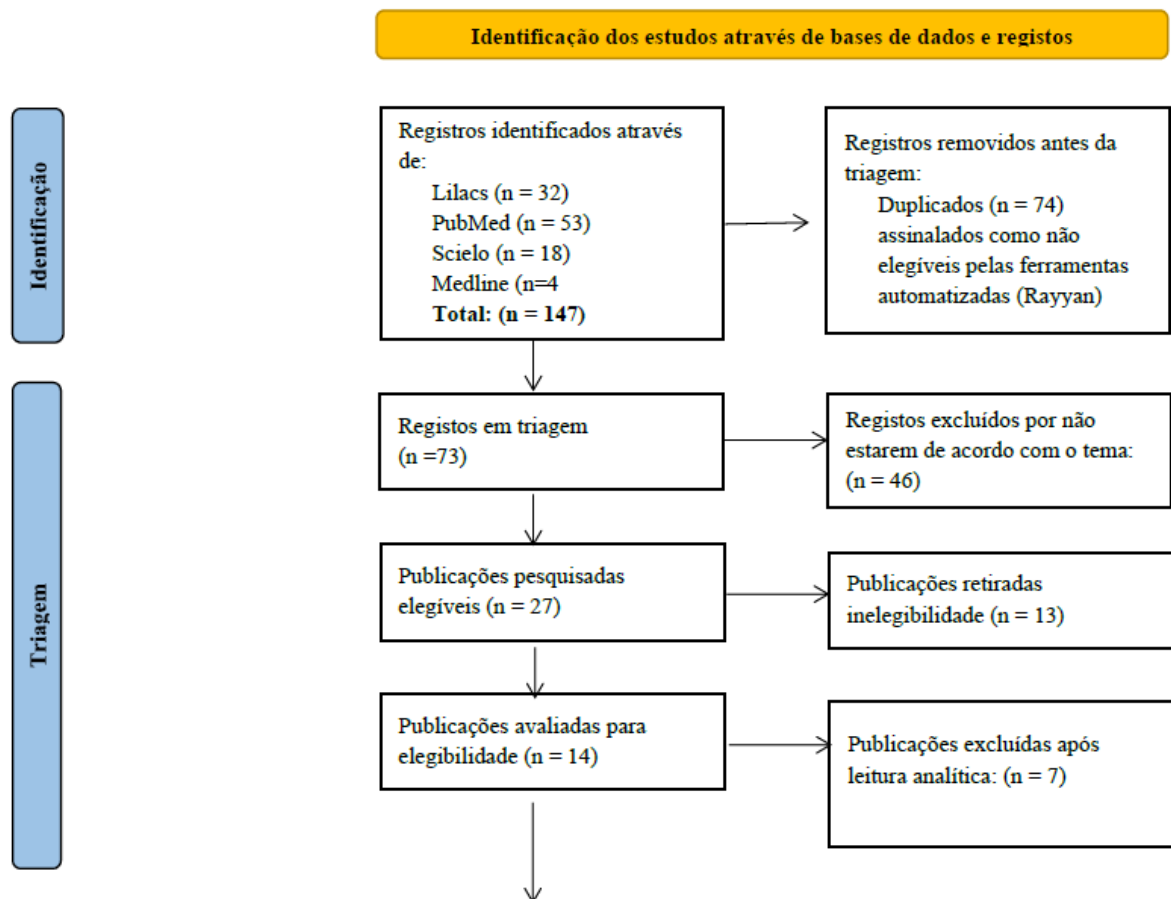
identificando lacunas e orientando novas pesquisas. No campo da enfermagem, essa prática é indispensável para subsidiar investigações científicas, fundamentar intervenções clínicas baseadas em evidências e colaborar para o desenvolvimento das políticas públicas e para a melhoria da atenção à saúde.

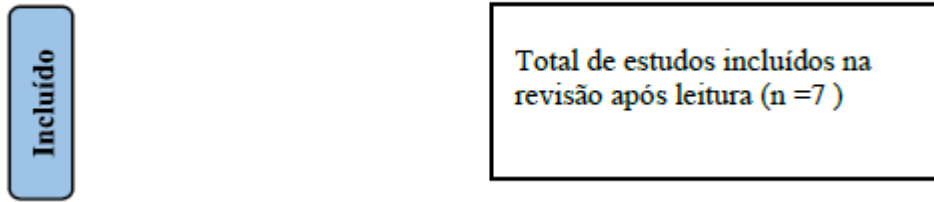
O presente trabalho teve como objetivo realizar uma revisão de literatura com o propósito de contextualizar o tema, buscando compreender e analisar como as diferentes formas de violências vivenciadas por pessoas transexuais impactam diretamente e o seu bem-estar mental.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Os estudos selecionados foram organizados e, conforme a estratégia Prisma definida, distribuídos em três etapas, conforme ilustrado na **Figura 1** a seguir.

Figura 1- Fluxograma do Prisma para a triagem dos artigos selecionados para o estudo





Fonte: apatador de PAGE, 2024

A pesquisa identificou 147 registros, que foram transferidos para o sistema Rayyan® para triagem e análise. Na etapa inicial de avaliação, 74 registros duplicados foram excluídos, enquanto outros 46 foram descartados por não estarem alinhados aos objetivos do estudo ou por não atenderem aos critérios de inclusão definidos.

Após essas exclusões iniciais, 27 registros permaneceram para análise mais detalhada. No entanto, 13 desses artigos foram classificados como "inelegíveis", uma vez que os revisores levantaram questionamentos quanto ao escopo e à conformidade desses estudos com os critérios previamente definidos. Isso resultou na seleção de 14 publicações que passaram para a etapa de leitura integral.

Durante a leitura exploratória desses 14 artigos, 7 foram excluídos, pois não cumpriam os critérios de elegibilidade nem atendiam aos objetivos propostos na revisão integrativa. Como resultado, 7 artigos permaneceram na etapa final, sendo submetidos a uma leitura detalhada e profunda para a extração dos dados relevantes e subsequente análise.

As publicações analisadas são na sua maioria provenientes do Brasil (n=6) e um estudo proveniente da Itália (n=1). Tal distribuição está detalhadamente apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 - Autor, título, tipo de estudo e principais resultados

Autor	Título	Tipo de Estudo	Principais Resultados
Cortes <i>et al.</i> , 2022	Saúde mental de mulheres transgêneras: uma revisão integrativa de literatura	Revisão integrativa da literatura	Evidencia a prevalência de Transtornos Mentais devido a alta incidência de transtornos como depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e ideação suicida devido a experiências de discriminação, estigma e exclusão social. Tendo como fatores de risco a violência física e psicológica, rejeição familiar, discriminação no ambiente de trabalho e saúde, além de barreiras de acesso a serviços de saúde adequados.

Fernandes <i>et al.</i> , 2022	Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros.	Estudo transversal descritivo	Evidência altas taxas de violência que homossexuais, bissexuais e transgêneros são alvos frequentes de violência física, psicológica e sexual, tanto em espaços públicos quanto privados, resultando em altos índices de depressão, ansiedade, TEPT e ideação suicida.
Lins <i>et al.</i> , 2024.	Sofrimento mental, suporte familiar e empoderamento de pessoas transgênero.	Descritivo, transversal	Evidencia elevada prevalência de sofrimento mental entre pessoas transgênero, muitas vezes relacionado à discriminação, rejeição social e violência, destaca-se problemas de saúde mental como depressão, ansiedade e ideação suicida são recorrentes.
Marchi <i>et al.</i> , 2023.	Transtorno de estresse pós-traumático entre pessoas LGBTQ: uma revisão sistemática e meta-análise.	Revisão Sistemática e meta-análise	Destaca a prevalência elevada de TEPT pessoas LGBTQ apresentam taxas significativamente mais altas de TEPT em comparação com a população geral. Isso se deve à exposição frequente a eventos traumáticos relacionados a preconceito, discriminação, violência física, psicológica e sexual, motivada por LGBTfobia, microagressões e exclusão social são identificadas como gatilhos para o desenvolvimento de TEPT. Pessoas transgênero e não-binárias frequentemente enfrentam maior risco devido à maior exposição a violência e discriminação.
Nascimento, 2019.	Crianças e adolescentes transexuais brasileiros: atributos associados à qualidade de vida	Estudo transversal descritivo	Observou que a qualidade de vida de crianças e adolescentes transexuais é impactada significativamente por fatores sociais e psicológicos, como aceitação familiar, discriminação e bullying. Descata ainda que as experiências de violência e discriminação escolar são apontadas como grandes desafios para essa população.
Paixão <i>et al.</i> , 2020.	Violência contra travestis e mulheres trans na capital do estado de Pernambuco.	Estudo transversal (Quali-Quantitativo)	A violência contra travestis e mulheres trans é prevalente e ocorre em diversos contextos, como espaços públicos, serviços de saúde, e ambiente familiar. Predominância de agressões físicas, verbais e psicológicas, além de crimes mais graves, como homicídios. A violência recorrente está associada a altos índices de sofrimento mental, incluindo depressão, ansiedade e uso de substâncias como forma de enfrentamento
Zucchi, <i>et al.</i> ,2019.	Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo.	Transversal Descritivo	O bem-estar psicológico dessa população está diretamente associado à aceitação social, suporte familiar, e ausência de discriminação. A exposição à discriminação e à violência, tanto em ambientes públicos quanto institucionais, é um fator significativo de sofrimento psicológico, além disso, observou que a violência verbal e psicológica são os tipos mais comuns relatados.

Fonte: Autor, 2024

Os estudos foram selecionados de maneira sistemática e estruturada, buscando contemplar todas as faixas etárias e estabelecer uma visão ampla sobre os efeitos no bem-estar psicológico na população trans, relacionada ao aumento das violências. O foco da análise foi identificar as principais queixas clínicas enfrentadas por essa população, bem como avaliar a efetividade das políticas públicas de saúde e segurança desenvolvidas para atender suas necessidades específicas.

Entre os artigos incluídos para aprofundamento, 57,1% foram provenientes de revistas nacionais de acesso gratuito. Dentro desse grupo, dois artigos (28,4%) foram publicados na “Acta Paulista de Enfermagem”, reconhecida por sua relevância na área, um artigo (14,2%) foi extraído da “Revista Latino-Americana de Enfermagem”, e outro (14,2%) da “Revista de Enfermagem e Saúde”. Vale destacar que todas essas publicações possuem classificação igual ou superior a B1 segundo os critérios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que atesta a qualidade acadêmica desses periódicos.

Ademais, os 42,86% restantes dos artigos foram oriundos de outras fontes relevantes. Um artigo (14,28%) foi publicado no “Caderno de Saúde Pública”, periódico de grande prestígio em saúde coletiva. Outro (14,28%) foi obtido no “Arca – Repositório Institucional da Fiocruz”, uma plataforma administrada pela Fundação Oswaldo Cruz que armazena publicações desde 1985. O último artigo (14,28%) foi encontrado no “Cambridge Core, plataforma acadêmica da Cambridge University Press”, reforçando a abrangência internacional da análise.

Esse processo de seleção e detalhamento das fontes evidencia o rigor metodológico adotado, garantindo a inclusão de pesquisa de elevada qualidade e relevância para o tema em questão.

Os impactos da violência na saúde mental da população trans são complexos e abrangem um ciclo de exclusão social, vulnerabilidades e principalmente sofrimento emocional. A análise dos artigos revisados neste estudo revela uma perspectiva ampla e complementar sobre os fatores mais relevantes de vulnerabilização, desafios enfrentados e meios de resiliência dessa população, evidenciando a relação entre o aumento da violência e o comprometimento psíquico.

Os elementos mais relevantes para compreender essas dificuldades estão associados a determinantes sociais da violência como desigualdade de gênero, a imposição de normas cisheteronormativas e crenças culturais que contribuem para a perpetuação da violência contra pessoas trans, a interseccionalidade no que tange a sobreposição de diferentes formas de

opressão e discriminação presentes na sociedade que gera desigualdades significativas que afetam diretamente o equilíbrio psicológico das pessoas trans.

A violência contra pessoas transgênero manifesta-se em diferentes modos. De maneira geral, as ruas destacam-se como os locais onde essa violência ocorre com maior frequência, sendo tradicionalmente associadas à marginalização social e à prostituição, atividades que muitas vezes envolvem indivíduos relegados à invisibilidade. No entanto, a violência institucional também se apresenta como uma ameaça significativa, abrangendo espaços como o ambiente familiar, as escolas, os espaços de atenção a saúde integral e outras instituições. Esses locais, embora distintos, configuram zonas de vulnerabilização para pessoas trans, refletindo a complexidade e a multiplicidade das agressões enfrentadas por esse grupo específico de pessoas (Silva *et al*, 2016).

A violência interpessoal contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (HBT) é um problema crítico e multifacetado, refletindo profundas desigualdades sociais, estigmatização e discriminação. Além disso, contextos sociais que promovem a exclusão e marginalização, como em políticas públicas ineficientes ou a ausência de proteção legal específica, ampliam a vulnerabilidade dessa população. Tais condições tornam a violência interpessoal não apenas um problema individual, mas também uma questão estrutural que exige atenção governamental e coletiva (FERNANDES, Hugo *et al*, 2022).

A violência direcionada a essa população, trans, parece ser um evento recorrente e presente em diferentes épocas e regiões.

A prevalência de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) é significativamente maior entre pessoas LGBTQ quando comparada com a população geral. Esse dado é atribuído a fatores como violência motivada por ódio, rejeição social, *bullying*, agressões físicas e abuso sexual, que são frequentemente vivenciados de maneira desproporcional por essa população. Esses eventos traumáticos não apenas causam sofrimento imediato, mas também têm impactos duradouros, aumentando a vulnerabilidade ao desenvolvimento de TEPT (MARCHI *et al*, 2023)

Embora a comparação do risco de TEPT entre os grupos de marginalizados por questões de orientações pessoas e de gênero tenha sido limitada pela falta de dados de algumas populações menos estudadas, como intersexo, dados sugerem que, entre os grupos LGBTQ, o maior risco de TEPT foi encontrado para pessoas transgênero (Marchi *et al.*, 2023). Isso se alinha com as evidências anteriores que indicam um risco elevado de violência interpessoal para pessoas transgênero, além de um maior risco de desenvolver depressão, ansiedade, vícios em substâncias e pensamentos suicidas (Valentine; Shiphherd, 2018).

O dinamismo do autoconhecimento sobre a identidade sexual e de gênero, vai além dos desafios típicos da juventude e do início da vida adulta, são aspectos que podem gerar sofrimento em indivíduos que não se alinham ao modelo heteronormativo e cisgênero. Além disso, a violência interpessoal tende a ser mais prevalente entre jovens, uma fase da vida em que muitos valores e vínculos afetivos estão sendo formados e podem ser profundamente impactados por experiências violentas (Divan *et al.*, 2016).

O bem-estar de crianças e adolescentes transgêneros é afetada por fatores diversos, incluindo aceitação familiar, suporte social, bullying escolar e acesso a cuidados de saúde adequados, especialmente em ambientes como a escola e o lar, têm impactos negativos profundos no bem-estar psicológico e emocional desses jovens, essa rejeição pode levar ao isolamento social, baixa autoestima e maior risco de desenvolver transtornos psíquico como depressão e ansiedade (Nascimento, 2019).

Pessoas transgênero estão mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos emocionais, como a ansiedade. Além dos sintomas clássicos de medo, tensão e preocupação, essa população enfrenta fatores estressores específicos que podem intensificar o quadro ansioso. Entre esses fatores destacam-se a discriminação, a baixa autoestima, as dificuldades relacionadas à imagem corporal, a solidão, a rejeição no ambiente familiar e o isolamento social (Lins *et al.*, 2024).

O bem estar psicológico da população trans, em destaque mulheres transexuais é frequentemente comprometido por uma série de fatores adversos, como discriminação, estigmatização e a vivência cotidiana de preconceito em espaços públicos e privados refletindo negativamente a autoestima e a saúde mental, muitas enfrentam agressões verbais, físicas e simbólicas, além de exclusão em ambientes como o trabalho, a escola e os espaço do sistema de saúde pública, esses fatores se interconectam, criando um ciclo de vulnerabilidade que afeta de forma desproporcional o bem-estar psicológico dessas mulheres e travestis (Zucchi,*et al.*, 2019).

No estudo de Cortes *et a.l.*, (2022), evidenciou que mulheres transgêneras estão mais suscetíveis a desenvolver transtornos psíquicos quando comparadas a homens trans, travestis e pessoas cisgêneras, uma marca da cisherotononormatividade alinhada ao sistema patriarcal. Essa vulnerabilidade está diretamente associada a fatores como preconceito, estigmatização, discriminação e a privação de direitos civis fundamentais.

Além disso, a marginalização econômica, habitacional e educacional contribui para sentimentos de desesperança e isolamento. Mulheres transgêneras, especialmente aquelas que pertencem a outros grupos vulneráveis, como pessoas negras ou em conjuntura de pobreza,

enfrentam uma sobreposição de opressões que agrava ainda mais sua saúde mental. Indivíduos que pertencem a mais de um grupo marginalizado como pessoas LGBTQ negras apresentam maior risco de vivenciar eventos traumáticos (Marchi *et al.*, 2023). A dificuldade de acesso a empregos formais devido ao preconceito transfóbico leva muitas a viverem em condições econômicas precárias, o que amplifica o sofrimento psicológico (Zucchi,*et al.*, 2019).

No estudo de Lins *et al.*, (2024) ressalta que na perspectiva interseccional fatores como raça, classe social e localidade intensificam os desafios enfrentados por pessoas transgênero. Mulheres trans negras, por exemplo, estão particularmente expostas a múltiplas formas de opressão, o que amplifica tanto o sofrimento mental quanto a exclusão social.

A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais assegura que o direito à saúde é um dever universal, devendo ser garantido a todas as pessoas, com atenção às particularidades relacionadas a gênero, raça/etnia, faixa etária, orientação sexual e práticas afetivas. Para que essa política seja efetiva, é fundamental que os trabalhadores da área da saúde recebam formação adequada, e que o Estado desempenhe um papel ativo na proteção às pessoas transexuais e travestis contra a transfobia e as múltiplas formas de violência a que estão sujeitas. A ineficácia na implementação dessas políticas, bem como as ações que perpetuam a exclusão e a vulnerabilidade dessa população, refletem dinâmicas de necropolítica, onde o desamparo e a negligência estatal contribuem para a marginalização e a violação de direitos básicos dessas pessoas. (Brasil, 2013).

A transfobia tem consequências fatais, tornando travestis, homens trans e mulheres trans alvos frequentes de violência psicológica, física e sexual. Elas enfrentam agressões ao longo de todas as etapas de suas vidas e em diferentes circunstâncias onde estão inseridas ocasionando em adoecimento mental (Paixão *et al.*, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise destaca os significativos reflexos da violência na saúde mental das pessoas que se autodeclaram travestis e transexuais, evidenciando a complexidade e a abrangência desse problema. Essa violência, marcada por exclusão social, estigmatização, violência física, verbal e discriminação, afeta negativamente o bem-estar psicológico e emocional dessa população em diferentes contextos e fases da vida.

Os resultados obtidos revelam que a população trans enfrentam diferentes condições de vulnerabilização, agravados por desigualdades sociais e interseccionalidades, como gênero, raça e classe social. Essas opressões, amplificadas pela imposição de normas

cisheteronormativas e pela transfobia estrutural, resultam em maior vulnerabilidade a transtornos mentais, incluindo ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. Além disso, a marginalização econômica, habitacional e educacional agrava a exclusão social e intensifica o sofrimento psicológico dessa população.

A violência contra pessoas trans ocorre tanto em espaços públicos quanto institucionais, como na família, escolas e locais de atenção a saúde, transformando esses ambientes em zonas de perigo para todas as pessoas trans, em destaque as mulheres transexuais. A ineficiência de proteção legal específica e a não correta na implementação de políticas públicas voltadas a esse grupo de pessoas reforçam essas vulnerabilidades, configurando um cenário de negligência estatal e perpetuação de desigualdades.

Embora existam avanços, como a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, sua efetividade é limitada, pela falta de capacitação de trabalhadores da saúde e pela insuficiente garantia de proteção contra transfobia. Essas lacunas na implementação refletem dinâmicas de exclusão e negligência estatal que contribuem para a marginalização contínua das travestis, homens transexuais e mulheres transexuais.

Conclui-se que é essencial adotar medidas que abordem as raízes estruturais da violência contra pessoas trans, promovendo o reconhecimento de seus direitos civis garantido pela constituição federal, além da capacitação profissional em saúde e a constituição de políticas públicas inclusivas de saúde e segurança e revisão das existentes. Essas ações são fundamentais para mitigar os efeitos da violência e promover o bem-estar psicológico dessa população, garantindo que tenham acesso a uma vida digna e livre de discriminação, espero que este estudo contribua para a promoção de futuros estudos e pesquisas que envolvam a população travesti e transexual ao longo de todo o processo, não como "objeto" de pesquisa, mas como protagonistas e colaboradoras ativas, assim como toda a comunidade LGBTQIAPN+, com a finalidade de fomentar a construção de uma sociedade justa, livre de desigualdades e de qualquer forma de preconceito.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. A.; PARENTE, J. S.; BELÉM, J. M.; GARCIA, C. L. Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. *Saúde em debate*, v. 40, n. 109, p. 100-111, 2016.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 18, 2024. 2024. Acesso em: 18 de Out. de 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio de 2016. Seção 1. p. 44-46.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lés-bicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf. Acesso em: 19 out. 2024.

CARVALHO, A. A. de; BARRETO, R. C. V. A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019?. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 09, p. 4059-4064, 2021.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>. Acesso em: 20 de nov. 2024.

Conselho Federal de Psicologia. C766t Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs / Conselho Federal de Psicologia. – Brasília, DF : CFP, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2019/06/CFP_TentativasAniquilamento_WEB_FIN_AL.pdf. Acesso em: 23 de Outubro de 2024.

CORTES, H. M.; MORAIS, A. V. C.; CARNEVALLI, L. M.; PINHO, P. H. Saúde mental de mulheres transgêneras: uma revisão integrativa de literatura/Mental health of transgender women: an integrative literature review. *Journal of Nursing and Health*, v. 12, n. 3, 2022.

DE MEDEIROS, L. L.; FACUNDES, V. L. D. Sexualidade, identidade de gênero e as interferências na saúde mental. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 6, p. e5911628414-e5911628414, 2022.

DIVÃ, V.; CORTEZ, C.; SMELYANSKAYA, M.; KEATLEY, J.; Inclusão social e igualdade transgênero: um caminho fundamental para o desenvolvimento. *J Int AIDS Soc*. 2016;19(3 Suppl 2):20803. doi: 10.7448/IAS.19.3.20803 <https://doi.org/10.7448/IAS.19.3.20803>

FERNANDES, H.; BERTINI, P. V. R.; HINO, P.; TAMINATO, M.; SILVA, L. C. P.; ADRIANI, P. A.; RAZANI, C. M. Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 35, 2022.

LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Saberes Plurais Educação na Saúde**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. e142493, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/saberesplurais/article/view/142493>. Acesso em: 26 nov. 2024.

LINS, J. C. S.; ALVES, V. M.; SANTOS, V. A.; SANTOS, A. A. P. Sofrimento mental, suporte familiar e empoderamento de pessoas transgênero. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 37, p. eAPE02465, 2024.

MARCHI, M.; TRAVASCIO, A.; UBERTI, D.; MICHELI, E. D.; GRENZI, P.; ARCOLIN, E.; PINGANI, L.; FERRARI, S.; GALEAZZI, G. M. Transtorno de estresse pós-traumático entre pessoas LGBTQ: uma revisão sistemática e meta-análise. **Epidemiologia e Ciências Psiquiátricas**. 2023;32:e44. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/epidemiology-and-psychiatric-sciences/article/posttraumatic-stress-disorder-among-lgbtq-people-a-systematic%20review-andmetaanalysis/B55406799D8667C68F8F2906D2434D86?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=copy_link&utm_source=bookmark%20cesso%20em%3A%2022%20de%20Out.%202024. Acesso em: 22 de Out. 2024.

Melo, M. A. de A., Pontes, G. de S., Celino, S. D. de M., Coelho, A. A., Silva, V. C. da, & Costa, G. M. C. (2024). Profile of violence against lesbian, gay, bisexual, transvestite and transsexual people. **Rev Rene**, 25, e93169. Disponível em: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.2024259316>. Acesso em: 16 de Out de 2024.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008.

NASCIMENTO, F. K. **Crianças e adolescentes transexuais brasileiros: atributos associados à qualidade de vida**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

OUZZANI, M.; HAMMADY, H.; FEDOROWICZ, Z.; ELMAGARMID, A. al. Rayyan—a web and mobile app for systematic reviews. **Systematic reviews**, v. 5, p. 1-10, 2016.

PAGE, M.; MCKENZIE, J.; BOSSUYT, P.; BOUTRON, I.; HOFFMANN, T.; MULROW, C.; SHAMSEER, L.; TETZLAFF, J.; AKL, ELIE.; BRENNAN, S.; CHOU, R.; GLANVILLE, J.; GRIMSHAW, J.; HRÓBJARTSSON, A.; LALU, M.; LI, T.; LODER, E.; MAYO-WILSON, E.; MCDONALD, S.; MCGUINNESS, L.; STEWART, L.; THOMAS, J.; TRICCO, A.; WELCH, V.; WHITING, P.; MOHER, D.; SOUZA, J. L.; ABREU, V.; OLIVEIRA, V.; LOPES, S. G. Declaração PRISMA 2020: uma diretriz atualizada para publicação de revisões sistemáticas. **Germinare—Revista Científica do Instituto Piaget**, v. 4, p. 1-19, 2024.

PAIXÃO, A. B. F.; SANTOS, N. T. V.; SANTOS, D. P.; JACQUES, I. J. A.; PEDROSA, L. S.; BRITO, A. M. Violência contra travestis e mulheres trans na capital do estado de Pernambuco, Brasil. 2020.

SILVA, G. W. S.; MEIRA, K. C.; DANTAS, E. S. O.; GOMES, S. M.; PEDROSA, I. B.; MIRANDA, F. A. N.; Sintomas depressivos e fatores associados entre travestis e transexuais: estudo transversal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, p. e20230071, 2024.

SILVA, G. W. S.; SOUZA, E. F. L.; SENA, R. C. F.; MOURA, I. B. L.; SOBREIRA, M. V. S.; MIRANDA, F. A. N. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 02, p. e56407, 2016.

SILVA, M. E. A. S. da; PINTO, L. C. G.; SILVA, Ágatha C. A. da; RAUPP, M. dos S.; LONDERO, C. A.; PILOTTO, L. M. POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INTEGRAL DE

SILVA, M. A. da; LUPPI, C. G.; VERAS, M. A. de S. M. Work and health issues of the transgender population: factors associated with entering the labor market in the state of São Paulo, Brazil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1723-1734, 2020.

Valentine S. E; Shipherd J. C. A systematic review of social stress and mental health among transgender and gender non-conforming people in the United States. **Clin Psychol Rev.** 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272735817304208?via%3Dihub>. Acesso em: 16 de nov. 2024.

ZUCCHI, E. M.; BARROS, C. R. S.; REDOSCHI, B. R. L.; DEUS, L. F. A.; VERAS, M. A. S. M. Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, p. e00064618, 2019.